

lizes, conforme o bem ou mal que houvermos feito; mas que felicidade é essa, que nos espera no scio de Deus? E' a beatitude, a contemplação eterna, onde não teremos outra ocupação sinão cantar louvores ao Creador? As chammas do inferno serão uma realidade ou uma figura? A propria Igreja lhes dá esta ultima accepção; mas em que consistem então os sofrimentos do inferno? Onde é esse lugar de suppicio? Em uma palavra, que é que se faz e se vê nesse mundo que a todos nos espera? Diz-se que ninguem ainda de lá voltou para nol-o dizer. E' um erro; a missão do Espiritismo é justamente esclarecer-nos a respeito desse futuro, levar-nos, até certo ponto, a tocal-o com o dedo e a vél-o, não já pelo raciocinio, mas pelos factos. Graças ás communicações espiritas, esse futuro deixou de ser uma presunção, uma probabilidade que cada qual pôde fantasiar a seu modo, que os poetas embellezam com as suas ficções ou ornamentam com imagens allegóricas enganadoras: é a realidade que nos apparece, pois são os proprios seres de além-tumulo que nos vêm descrever a sua situação e dizer-nos o que fazem, permittindo-nos assistir, por assim dizer, a todas as peripecias da sua nova vida e mostrando-nos, por esse meio, a sorte inevitável que nos está reservada conforme os nossos meritos ou demeritos. Haverá nisso alguma coisa de anti-religioso? Bem ao contrario, pois que os incredulos ahi encontram a fé, e os timidos o renovamento do fervor e da confiança. O Espiritismo é, por consequencia, o mais poderoso auxiliar da religião, e visto que existe é com a permissão de Deus, que nelle consente para reanimar as nossas esperanças vacillantes e reconduzir-nos ao caminho do bem pela perspectiva do futuro.

CAPITULO III

VOLTA DA VIDA CORPORAL Á VIDA ESPIRITUAL

1. A alma depois da morte; sua individualidade. A vida eterna.
2. Separação da alma e do corpo. — 3. Perturbação espirita.

A alma depois da morte; Sua individualidade. A vida eterna

149. Em que se torna a alma no momento da morte?

«Torna-se outra vez espirito, isto é, volta ao mundo dos espiritos, que havia deixado temporariamente.»

150. A alma conserva a individualidade depois da morte?

«Sim, nunca a perde. Que seria ella si a não conservasse?»

— Como comprova a alma a sua individualidade não tendo lá o corpo material?

«A alma conserva ainda um fluido que lhe é proprio, o qual absorve na atmosphera do seu planeta, e que representa a apparencia da sua ultima incarnacão: é o seu perispírito.»

— A alma nada leva consigo deste mundo?

«Nada, mais que a lembrança e o desejo de ir para um mundo melhor. Essa lembrança é cheia de doçura ou de amargura, conforme o emprego que a alma fez da vida; quanto mais pura é, tanto mais comprehende a futilidade do que deixou na terra.»

151. Que pensar a respeito da opinião segundo a

qual a alma, depois da morte, volta ao todo universal?

«Porventura o conjunto dos espíritos não forma um todo? Não é um mundo completo? Quando vos achaeis numa assembleia, fazeis parte integrante della, e, comtudo, conservaeis sempre a vossa individualidade.»

152. Que prova podemos ter da individualidade da alma depois da morte?

«Não tendes essa prova pelas comunicações que recebeis? Si não sois cegos, vereis; si não sois surdos, ouvireis, pois são bem frequentes as vezes que alguma voz vos fala e revela a existencia de um ser junto de vós.»

Os que pensam que, por occasião da morte, a alma volta ao todo universal, estão em erro quando por isso entendam que, semelhante a uma gota d'água que cae no oceano, ella perde nesse todo a individualidade; sua opinião, porém, é acertada quando entendam por *todo universal* a totalidade dos seres incorporeos de que cada alma ou espírito é um elemento.

Si as almas estivessem confundidas na massa só teriam as qualidades do todo, e coisa alguma as distinguiria umas das outras; não teriam intelligencia nem qualidades proprias, ao passo que, pelo contrario, vemos em todas as comunicações accusarem consciencia do *eu* e uma vontade distinta. A diversidade infinita que apresentam em todos os sentidos é a necessaria consequencia das suas individualidades. Si depois da morte houvesse o chamado grande Todo absorvendo as individualidades, esse Todo seria uniforme, e desde logo as comunicações que recebessemos do mundo invisivel seriam identicas. Mas, visto que se nos manifestam seres bons e maus, sabios e ignorantes, felizes e infelizes; que os ha de todos os caracteres: alegres e tristes, levianos e circumspectos, etc., é evidente que são distintos.

A individualidade torna-se ainda mais evidente quando esses entes provam a sua entidade por signaes incontestaveis, por detalhes pessocais relativos á sua vida terrestre, os quais podem ser verificados, o que não pode ser posto em duvida quando elles se manifestam á vista nas apparecções. A individualidade da alma era-nos ensinada em theoria, como artigo de fé; o Espiritismo veio tornal-a patente e, por assim dizer, material.

153. Em que sentido se deve entender a vida eterna?

«É a vida do espírito que é eterna; a do corpo é transitoria e passageira. Quando o corpo morre, a alma entra na vida eterna.»

— Não seria mais exacto chamar vida eterna á vida dos espíritos puros, daquelles que, havendo attingido o grau da perfeição, não têm mais provações a sofrer?

«Essa é antes a felicidade eterna; mas isso é questão de palavras; dae ás coisas o nome que quizerdes, comtanto que vos entendaes.»

Separação da alma e do corpo

154. A separação da alma e do corpo é dolorosa?

«Não; muitas vezes o corpo soffre mais durante a vida do que no momento da morte; a alma não tem parte nisso. Os soffrimentos por que se passa algumas vezes no momento da morte são um *gozo para o espírito*, que vê chegar o termo do seu exilio.»

Na morte natural, a que tem lugar pelo exgotamento dos orgãos em consequencia da idade, o homem deixa a vida sem o perceber; é qual lampada que se extingue por falta de alimento.

155. Como se opera a separação da alma do corpo?

«Desligados os laços que a retinham, ella desprende-se.»

— A separação opera-se instantaneamente e por transição brusca? Ha alguma linha de demarcação claramente definida entre a vida e a morte?

«Não; a alma desliga-se gradualmente e não se escapa, como ave captiva restituída subitamente á liberdade. Esses dois estados tocam-se e confundem-se; assim, o espírito desembaraça-se pouco a pouco das suas prisões; estas desatam-se, não se quebram.»

Durante a vida, o espirito está ligado ao corpo pelo seu involucro semi-material — o perispirito; a morte é a destruição unicamente do corpo, e não desse segundo envoltorio, que se separa do corpo quando nesse cessa a vida organica. A observação prova que no momento da morte o desprendimento do perispirito não é subitamente completo; opera-se gradualmente e com lentidão mui variável, segundo os individuos; em alguns é bastante rapido, podendo dizer-se que o momento da morte é tambem o da libertação, com diferença de algumas horas; mas em outros, sobretudo naquelles cuja vida foi *muito material e sensual*, o desprendimento é muito mais lento, durando as vezes dias, semanas, e mesmo meses, o que não implica no corpo a menor vitalidade nem a possibilidade de voltar à vida, mas uma simples affinidade entre corpo e espirito, affinidade que está sempre na razão da preponderancia que, durante a vida, o espirito deu à materia. E' racional concer, com effeito, que quanto mais o espirito se identifica com a materia, mais lhe custa separar-se della, ao passo que a actividade intellectual e moral, a elevação dos pensamentos, operam um começo de desprendimento mesmo durante a vida do corpo, e quando chega a morte elle é quasi instantâneo. Tal é o resultado dos estudos feitos em todos os individuos, observados no momento da morte.

Essas observações provam ainda que a affinidade existente em certos individuos entre a alma e o corpo, é algumas vezes muito penosa, porque o espirito pôde experimentar o horror da decomposição. Este caso é excepcional e particular a certos generos de vida e de morte observados em alguns suicidas.

156. A separação definitiva da alma e do corpo pôde ter lugar antes da cessação completa da vida organica?

«Na agonia já a alma tem algumas vezes deixado o corpo; não lhe resta sinão a vida organica. O homem já não tem consciencia de si e, entretanto, resta-lhe ainda um sôpro de vida. O corpo é uma machine que o coração faz mover; existe enquanto este faz circular o sangue nas veias, e não tem necessidade da alma para isso.»

157. No momento da morte tem a alma alguma aspiração ou extase que lhe faça entrever o mundo onde vae entrar?

«Muitas vezes a alma sente romperem-se os laços que a prendem ao corpo; *emprega então todos os esforços para rompê-los inteiramente*. Já em parte desprendida da materia, vê o futuro desenrolar-se diante della e goza, por antecipação, do estado do espirito.»

158. O exemplo da lagarta, que primeiramente se arrasta pela terra, depois encerra-se na chryssalida sob o estado de morte apparente para renascer em uma existencia brilhante, pôde dar-nos ideia da vida terrestre, do tumulo e, afinal, da nossa nova existencia?

«Uma ideia em ponto pequeno. A figura é boa; entretanto não conviria tomá-la ao pé da letra, como fazeis tantas vezes.»

159. Que sensação experimenta a alma no momento em que se reconhece no mundo dos espiritos?

«É conforme; si praticaste o mal com desejo de o fazer, sentes-te logo no primeiro momento, muito envergonhado de o teres praticado. Para o justo, o caso é muito diferente: sua alma sente-se como que alliviada de um grande peso, pois não receia nenhum olhar perscrutador.»

160. O espirito encontra immediatamente aquelles que conheceu na terra e que morreram antes delle?

«Sim, conforme a affeção que lhes tinha e vice-versa; muitas vezes elles vêm recebê-lo á sua entrada no mundo dos espiritos, e o *ajudam a desembaraçar-se das faias da materia*; tambem torna a encontrar muitos que tinha perdido de vista durante a sua estada na terra; vê aquelles que andam errantes e vae visitar aquelles que se acham incarnados.»

161. Na morte violenta e accidental, quando ainda os orgãos não estão enfraquecidos pela idade ou pelas enfermidades, a separação da alma e a cessação da vida são simultaneas?

«Geralmente assim é; mas em todos os casos o instante que os separa é muito curto.»

162. Depois da decapitação, por exemplo, conserva o homem durante alguns instantes a consciencia de si?

«Muitas vezes conserva-a durante alguns minutos, até que a vida organica esteja completamente extinta. Mas tambem outras vezes a apprehensão da morte lhe faz perder a consciencia antes do instante do suppicio.»

Só se trata aqui da consciencia que o suppliciado possa ter de si mesmo, como homem e por intermedio dos orgãos, não como espirito. Si não perdeu a consciencia antes do suppicio, pôde conservá-la por alguns instantes rapidos, que cessam necessariamente com a vida organica do cerebro, o que não quer dizer que o perispírito esteja inteiramente desembaraçado do corpo; ao contrario, em todos os casos de morte violenta, quando ella não é consequencia da extinção gradual das forças vitaes, os laços que ligam o corpo ao perispírito são mais tenazes, e mais lento o desprendimento completo.

Perturbação espirita

163. Quando a alma deixa o corpo tem imediatamente consciencia de si mesma?

«Consciencia immediata não é a expressão propria; fica por algum tempo em perturbação.»

164. Todos os espiritos experimentam, no mesmo grau e durante o mesmo tempo, a perturbação que se segue à separação da alma e do corpo?

«Não; isso depende da sua elevação. Aquelle que já está purificado reconhece o seu estado quasi imediatamente, porque já se libertou do jugo da materia durante a vida do corpo; ao passo que o homem carnal, cuja consciencia não é pura, conserva por muito mais tempo a impressão da materia.»

165. O conhecimento do Espiritismo exerce alguma influencia na duração, mais ou menos longa, da perturbação?

«Uma influencia muito grande, visto que o espirito comprehendia antecipadamente a sua situação;

mas a prática do bem e a consciencia pura exercem nisso maior influencia.»

No momento da morte tudo é a principio confusão: a alma precisa de algum tempo para se orientar; fica como que atordoada, no estado de um homem que despertasse de um sono profundo e procurasse explicar-se a sua situação. A lucidez das ideias e a memoria do passado voltam-lhe, ao passo que cresce a influencia da materia, de que acaba de desprender-se, e à medida que se dissipá a especie de nevoeiro que lhe obscurece os pensamentos.

O periodo da perturbação que se segue à morte é muito variavel: pôde ser de algumas horas, como de muitos mezes, e até de muitos annos. Aquelles para quem ella é menos longa, são os que já em vida se haviam identificado com o seu estado futuro, pois que comprehendem imediatamente a sua posição.

Essa perturbação apresenta circumstancias particulares, segundo o caracter dos individuos, e principalmente, segundo o genero de morte.

Nas mortes violentas, por suicidio, suppicio, acidente, apoplexia, ferimentos, etc.; o espirito fica surprehendido, admirado, e não crê estar morto: sustenta essa illusão com pertinacia; apesar de estar vendo o corpo e de saber que é seu, não comprehende como esteja separado delle; busca as pessoas que lhe são affeiçoadas, fala-lhes e não percebe porque lhe não prestam attenção. Esta illusão dura até ao completo desprendimento do perispírito. Só então o espirito se reconhece e fica sabendo que já não pertence ao numero dos vivos. Este phemoneno explica-se facilmente: Surprehendido inopinadamente pela morte, o espirito fica aturdido pela brusca mudança que nello se opera; para elle, a morte é ainda synonimo de destruição, de anniquilamento, e como pensa, vê e ouve, supõe que não está morto. O que lhe augmenta a illusão é o ver-se com um corpo semelhante, na fórmula, ao precedente, mas cuja natureza etherea não teve ainda tempo de estudar; julga-o sólido e compacto como o primeiro, e quando lhe chamam a attenção para esse ponto admira-se de não poder apalpar-se. Esse phemoneno é analogo ao que se passa com os sonnambulos inexperientes, que não crêm estar dormindo. Para elles o sonmo é synonimo de suspensão das faculdades; ora, como vêem e pensam livremente, julgam que não dormem. Certos espiritos apresentam esta particularidade, mesmo quando a morte não tenha vindo abruptamente; mas é mais geral naquelles que, embora enfermos, não pensavam ainda em morrer.

Vê-se então o singular espectaculo de um espirito assistindo ao seu proprio enterro como si fosse o de um estranho, e falando disso como de coisa que lhe não diz respeito, até ao momento em que comprehende a verdade.

A perturbação que se segue á morte nada tem de penosa para o homem de bem, pois para este é calma e em tudo semelhante á que se segue a um despertar placido. Para aquelle, porém, cuja consciencia não é pura, a perturbação é cheia de angustias e angustias, que augmentam á medida que elle se vai reconhecendo.

Nos casos de morte collectiva tem-se observado que nem todos os que morrem ao mesmo tempo se vêm sempre imediatamente uns aos outros. Na perturbação em que se acham, cada qual caminha para seu lado e só se preoccupa com os que lhe interessam.

CAPITULO IV

PLURALIDADE DAS EXISTENCIAS

1. Da reincarnaçao.
2. Justica da reincarnaçao.
3. Incarnaçao em diferentes mundos.
4. Transmigraçao progressiva.
5. Sorte das creanças depois da morte.
6. Sexos dos espíritos.
7. Parentesco, filiação.
8. Semelhanças physicas e moraes.
9. Ideias innatas.

Da reincarnaçao

166. Como é que a alma que não attingiu a perfeição durante a vida corporal pôde acabar de purificar-se?

«Sujeitando-se á prova de nova existencia.»

— E' como realiza ella essa nova existencia? E' pela sua transformação, como espirito?

«A alma, apurando-se, passa sem duvida por uma transformação, mas para isso é-lhe necessaria a experiência da vida corporal.»

— A alma tem, pois, diversas existencias corporaes?

«Sim, todos nós temos muitas existencias. Os que afirmam o contrario querem manter-vos na ignorancia em que elles mesmos estão. E' o seu desejo.»

— Parece resultar desse principio que a alma, depois de haver deixado um corpo, toma outro; por outras palavras, que ella se reincarna em novo corpo; é assim que devemos entendê-lo?